



Caras de Paschoa

Trévas. Em plena Semana Santa. Este bom povo, convencido de que os joelhos foram feitos para a prostração beata do ajoelhar, résa curvado pelas egrejas.

Procede-se ao extase mystico e ao atracão profano, systematicamente, como a dois ritos obrigados pela Quaresma.

A politica descança sobre a violencia da sua affirmacão muscular.

A igreja e as ecchymoses do sr. Abel de Andrade, revestem paramentos roxos.

A nodoa negra torna-se o symbolo da Paixão politica.

O sr. Cardeal Patriarcha sente-se definitivamente aguia,—uma aguia de solidéo vermelho, presidindo ao grande theatro hieratico da Paixão.

Todo o partido nacionalista se confessa e piedosamente communga nas idéas do seu grande oraculo espirital.

O sr. Jacintho Candido, chegado ao seu tempo predilecto de beatério suave, põe a sobrepeliz, penteia-se, e abre a risca com agua benta.



O sr. Conde de Bertandos, um pouco distrahido da vinha do Senhor, trata, de preferencia, das suas proprias vinhas.

Para os nacionalistas, tudo se reduz a uma Endoença alegre, toda florida de alecrim,—mas cujas amendoas veem ainda muito longe.

A grande procissão tragica, é a d'aquelles para quem a Quaresma é uma interminavel sexta feira de Paixão,—os que se mascaram de Christos e poem a tunica roxa da penitencia.

O sr. Arroyo, bebe o calix da Amargura até ao fim, e pergunta dolorosamente pela vaga do Conselho do Estado:

— *Usque quo, Domine*, esta revendissima pouca vergonha?

Entretanto, o sr. Hintze, de Judas, prevê na sombra mais um schisma regenerador, e promette definitivamente ao senhor Arroyo, n'um beijo, a legação de Madrid.

N'este tempo de contricção, os Presidentes de Conselho dispõem, inclusivamente, das vidas dos ministros plenipotenciarios congestionados e velhos.

O sr. Abel de Andrade, quasi tão Christo como o sr. Arroyo, e penitente tambem, sente tentações de ir offerrecer a outra face ao senhor Mello e Sousa.



O sr. Mattoso, nas vésperas da discussão do Convénio, presente ao longe a sua crucificação,— e tem a certeza de que o povo soltará Barrabás-Burnay para o condemnar a elle.

A Paschoa vem cheia de vaticinios dolorosos para os nossos politicos e para a nossa politica.

E enquanto os destinos se jogam e as tempestades se preparam, o valente Zé Povinho é o unico coherente com a quadra lithurgica que atravessamos: conserva a sua insigne e imperturbavel cara de paschoa.

O peor, é que, na cara d'elle, a Paschoa dura todo o anno.

THYRSO.



Vivinha a saltar!

Ora ahi vae um cumulosinho cirurgico todo catita:

É, nada mais, nada menos, que extrahir uma creança a ferros d'el-rei.



Cá está outro correspondente.

Este envia-nos um jornal da India, *Era-Nova*, noticiando que uma dama de Bicholim deu á luz um menino com feliz desembaraço. E sublinha a passagem.

Mas que quer o sr. que eu lhe faça? que perfilhe o rapaz?

Veja lá se não quer mais nada!



Licença para outro cumulo, apanhado no ar, agora mesmo:

Da *fadistice*:

Usar navalha na liga... das Artes Graphicas.



Em pleno paiz de phenomenos!

Mal surde em em Ponte de Lima—aquelle celebre anão de duas polegadas e meia—já apparecem trez na Marinha Grande, ainda mais pequenos, na forma do costume.

Assim noticia um collega que informa o publico embasbacado de que, um dos trez anões, o pae dos outros dois, apesar de muito pequenino trabalha eximiamente como marceneiro e carpinteiro.

É verdade, é; tambem noi'o diz pessoa digna de credito.

Este carpinteiro é realmente tão pequenino, que para fazer um banco teve que se pôr em cima d'outro.



Henrique de Vasconcellos, que esteve ultimamente no Porto, conta a sua visita a um pavão que lhe foi apresentado no Palácio de Grystal pelo sr. José de Figueiredo e uns seminharistas. Sobre o seu novo conhecimento diz Henrique de Vasconcellos :

«Subitamente tod'a cauda se levanta, abre um fundo bysantino tecido em filigrana finissima, de oiros polychromos, gritam sephiras quentes, desfalecem turquezas, boiam brandu as de beryllos, mesmo chrysoberyllos patetados de oiro.»

Isto é o que se chama um magnifico pavão para pôr no prégo. E o mais são historias!



Logares selectos do parlamentarismo em Portugal.

Ora eis aqui uma coisa interessante que daremos na *Parodia* sempre que possamos apanhar as muitas asneiras que ás vezes voam em S. Bento.

Hoje cabe a vez ao sr. Espregueira. A primeira foi dita na presente sessão legislativa; a segunda é já do anno passado mas não perde por isso.

«Estes documentos a que me estou referindo— eu não os pedi ; — isto é... não tenho ideia de os ter pedido... Mas ha uma cousa que eu posso assegurar á camara : é que, se os pedi... não m'os mandaram !»



«Este processo de administrar é novo ; — isto é... é novo, modernamente, porque elle, emfim, já é velho !»

Garantimos a authenticidade das duas. Mesmo porque, d'outra forma ellas não teriam a graça que têm.

Deus Nosso Senhor pague ao sr. Espregueira e lhe dê muita vida e saude para continuar. Sim, porque nem só de pão vive o homem !



Enviaram-nos pelo correio, devidamente colada a um papel, certa quadra de poesia amatoria, original de D. Cesaltina Robertes, a qual quadra começa assim:

Aquelle que eu amo tem um 4 no bonet.



Se foi isto que deu no gôto do nosso correspondente, perdeu o tempo e o feitto.

Somos de opinião que D. Cesaltina está no pleno direito da amar 4, 6 ou 8, ou outros quaesquer algarismos, como mais lhe convier.

E' coisa garantida pela lei até setenta, pouco mais ou menos.

Dura lex, sed lex !

Cumulos

Da má-creação: — Saltar na barriga d'uma dama.

Definição Republica: — Nega de rei.

Ideal do Snr. Marquez de Franco: — Cercar uma dama de Coroas.

Um batoeiro de Coimbra.



BIBLIOGRAPHIA

Maria do Ceu (cartas de Marcello.) Julio Brandão, o delicadissimo lyrico das *Saudades* e do *jardim da Morte*, envia-nos o mais recente dos seus trabalhos, um volume maravilhoso de sentimento e esplendida prosa, de «Marcello» a *Maria do Ceu*.

Como o livro nos viesse apanhar de perna estendida na cama, lemos-o logo, e, verdade, verdade, quasi abençoamos a hora em que adoecemos e nos permitiu a leitura immediata do tal encanto.

Mulheres da nossa terra, lêde esse lindo livro!



Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

1.ª serie de 10

200 réis

20 réis cada um



Em Lisboa acham-se á venda nas lojas onde se vende a *Parodia* e na administraçao, d'este jornal, rua do Gremio Luzitano, n.º 1.º, para onde podem ser dirigidos quaes quer pedidos, acompanhados das respectivas importancias.

No Porto:

Em casa de Arnaldo Soares, Praça de D. Pedro, n.º 137, e nas livrarias.

Em Coimbra:

Na livraria Mesquita.

Nas outras terras:

Em casa dos agentes d'*A Parodia*

Ourivesaria e Relojoaria

com officina anexa

de fabrico e

concertos



FLORINDO

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

De que consta o que faz e vende a casa Freire-Gra ad F. E' a unica n' paiz habilitada e completa em todos os ramos de gravura, fabrica de carimbos e ua machinas, aneis, typographia e lytographia, encadernadot, papelaria, ferra, gen. finas, binoculos, colleiras, retratos a crayon e molduras, armazem das letras esmaltadas, figuras, centros de mesa, manieigueiras etc de uxo, prencas de copiar, etiquetas de metal, sortimento m' nro de artigos para barbeiros, «Agua Bonchard» para pintar o cabelo primeira marca do mundo, chappis para portas etc etc. — Visitem esta casa porq' e não existe igual para o que o seu proprietario tem feito vi gens estudo em toda a Eur. pa.

Telephone 943, RUA DO OURO, 158 a 164.

O DELIRIO DOS EMPENHOS



Ratos, ratos e mais ratos!

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO - I.M.T.

O GRANDE ELIAS!

Monologo-cégarrega

POR

E. GARRIDO



Li n'um jornal, ultimamente (supponho até que em trez ou quatro) que, no marasmo, o nosso theatro espera, ha muito, um Gil-Vicente. Pego n' O *audax corsario luso*, tragedia minha — original — e vou direito como um fuso bater á porta do Normal.



II
Sou recebido optimamente! o Posser, logo: — «Oh, grande Elias!... Traz-nos talvez algum *Regente!*... Vae ler-se a peça, — é coisa assente, — passe por cá d'hoje a tres dias.»



Volto animado e jovial, diz-me elle assim: — «Quer massa e fama? Do que é tragedia, faça um drama... e corra ao Principe-Real!»



III
Transformo O *audax corsario luso*, sem 'star com uma nem com duas, e, vou direito como um fuso, vou procurar o amigo Ruas. Sou recebido optimamente! o Ruas, logo: — «Oh, grande Elias!... Outro *Comboia* traz á gente?... Vae ler-se a peça promptamente, — passe por cá d'hoje a tres dias.»



IV
Mas volto — e diz, todo economico: «Muita despresa!... O drama, vaze-o... (na pia, não!) em molde comico... e é grande peça — p'ro Gymnasio!... Transformo O *audax corsario luso*, Gervasio deito — e até requinto!... e vou direito como um fuso bater á porta ao Joaquim Pinto.



V
Sou recebido optimamente! o Pinto, logo: — «Oh, grande Elias!... Comedia boa p'r'o meu dente?... Vae já ser lida attentamente, — passe por cá d'hoje a tres dias.»



Mas volto — e diz-me: — «Não vacille, — a peça é linda, na verdade, mas... faça d'ella um *vaudeville*... » vae cem vezes — na Trindade!»



VI
Transformo O *audax corsario luso* (do dono, o burro ao gosto albarde) e, direitinho como um fuso, corro ao Gouveia e ao Zé Ricardo. — Sou recebido optimamente!... mal entro, os dois: — «Oh, grande Elias!... Traz obra? Venha! E muito urgente! Vae ler-se a peça avidamente, — passe por cá d'hoje a tres dias.»



A RODA. AMENDOAS POLITICAS



Então o que se diz ao seu amiguinho?
Dra! mas eu tambem queria a legação de madrid ...
Vá lá, tome lá essa amendoa do pariato ...